

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ALESSA REGINA CARNIETTO

**UMA ANÁLISE REFLEXIVA ACERCA DA RELEVÂNCIA DOS
CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

ALESSA REGINA CARNIETTO



**UMA ANÁLISE REFLEXIVA ACERCA DA RELEVÂNCIA DOS
CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de São José dos Campos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora:
Prof^a. Dra Ivone Teresinha Carlettode Lima.

MEDIANEIRA

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

A importância dos contos de fadas na Educação Infantil

Por

Alessa Regina Carnietto

Esta monografia foi apresentada às. 17:30. h do dia **16 de Agosto de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de São José dos Campos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **Aprovado**.

Prof^a. Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Ma. NeusaldickSherpinski
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Esta monografia é exclusivamente dedicada
à minha filha, Catarina Carnietto Rúbio.

AGRADECIMENTOS

À minha pequena Catarina que nasceu no dia 25 de abril de 2017, logo no início do primeiro curso de Especialização da mamãe, participando de todo o processo, desde a mais tenra idade (em período gestacional). Foram viagens de São Sebastião- SP até São José dos Campos- SP, com febre e cólicas, interrupção de mamadas, estadias em lugares diferentes dos habituais. E a pequenina demonstrou muita bravura para enfrentar as eventualidades, a fim de permitir a realização do meu sonho.

Ao meu marido, Érico Silva Rubio, sem o qual, eu não seria nem a mãe, nem a aluna, nem a professora, que sou. Ele tem sido a estrutura de todos os meus dias, me permitindo crescer e colaborando para a minha realização pessoal, acadêmica e profissional.

À minha orientadora professora Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima, pessoa fundamental para que esta monografia tenha sido concluída. Obrigada minha querida professora, por entender as minhas dificuldades e iluminar o meu caminho até a conclusão do curso. Orientadores são anjos que nos permitem amadurecer em nosso processo criativo e científico.

Aos meus pais (Márcia e Lourival Carnietto), que me apoiam incondicionalmente durante todo o caminho percorrido, desde o meu nascimento até o meu nascimento como mamãe, amo vocês.

Às minhas irmãs, Adrieli Cristina Carnietto e Amanda de Cássia Carnietto, por serem iluminadas, companheiras, amigas e excelentes titias! Aos meus cunhados, Israel Garcia de Queiroz e Tim Loof, que só acrescentam mais amor a nossa família.

À minha sobrinha Helena Carnietto Queiroz, por me ensinar a ser titia, e com apenas 4 meses, provar que ninguém pode mensurar o quanto um ser humano é capaz de amar.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação. Saliento ainda, que esta ordem é aleatória, pois todos tiveram papéis fundamentais no desenvolvimento deste curso.

“Existe uma ciência escrita que jamais foi lida por qualquer pessoa viva. Tal como existem muitas ideias científicas que ainda não foram escritas. Mas se você se refere ao conjunto da raça humana, então penso que o espírito humano possui mais ciência, pois tudo aquilo que está registrado nos livros saiu necessariamente de algum espírito, é evidente”. (CAROLL, 1997)

RESUMO

Carnietto, Alessa Regina. Uma análise reflexiva acerca do uso dos contos de fadas na Educação Infantil. 2018. 53f. (número de folhas). Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

As indagações acerca das contribuições pedagógicas que os contos de fadas podem proporcionar no processo de desenvolvimento da criança, servindo como ferramenta ao professor de Educação Infantil, foi o ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. Após uma revisão bibliográfica, contemplando autores que pesquisaram em profundidade os elementos dos contos de fadas, considerou-se a hipótese de que os professores de Educação Infantil eram cientes das funções pedagógicas dos contos de fadas, embora não fizessem o seu uso de maneira sistematizada, planejada, articulada, como propunham os referenciais teóricos. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu mediante a análise de dados coletados na aplicação de questionários aos professores da rede municipal de São Sebastião –SP, e analisado à luz de autores como Lanz (2000), Bethelleim(2007), B. Coelho (1987), N. Coelho (1990), Makarenko (1981), criando um diálogo com os resultados adquiridos na pesquisa de campo, sendo possível compreender as percepções dos educadores acerca do papel dos contos de fadas na Educação Infantil e como este ocorre na prática pedagógica. Trata-se de uma viagem fantástica, no qual o real e o imaginário tornam-se muito próximos.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contação de Histórias. Funções Pedagógicas. Narrativas Milenares. Papel do educador.

ABSTRACT

Carnietto, Alessa Regina. Uma análise reflexiva acerca do uso dos contos de fadas na Educação Infantil. 2018. 53f. (número de folhas). Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

The questions about pedagogical contributions that fairy tales can provide in the process of the child's development to serve as resource for teacher of childhood education was the starting point to the development of this research. After a bibliographical review, contemplating authors who researched in depth the elements of fairy tales, it was considered the hypothesis that the teachers of Early Childhood Education were aware of the pedagogical functions of the fairy tales, although they did not make use of it in a systematized way, planned, articulated, as proposed by theoretical references. The development of the research occurred through the analysis of data collected in the application of questionnaires to teachers of the municipal network of São Sebastião -SP, in the light of authors such as Lanz (2000), Bethelleim (2007), B. Coelho (1987), N. Coelho (1990), Makarenko (1981), it was possible to create a dialogue with field research, it was possible to understand the perception of the educators about the role of fairy and how it occurs in practice. This is a fantastic journey to the world of fairies, in which the real and imaginary become very close.

Keywords: Children's Literature. Storytelling. Pedagogical Functions. Millennial Narratives. Educator's Mission.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I E II (IBGE - 2015)	344
GRÁFICO 2: CAPACITAÇÃO DOCENTE.....	37
GRÁFICO 3: UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS.	38
GRÁFICO 4: FUNÇÃO PEDAGÓGICA DOS CONTOS DE FADAS.....	39
GRÁFICO 5: CONCORDÂNCIA COM A AFIRMAÇÃO DE LANZ	40
GRÁFICO 6: INSERÇÃO DOS CONTOS DE FADAS EM SEUS PLANEJAMENTOS SEMANAIS.....	41
TABELA 1: CARACTERÍSTICAS MARCANTES DA TURMA.....	42
TABELA 2: VALORES ÉTICOS/MORAIS.....	42
GRÁFICO 7: CONTOS CITADOS PELOS ENTREVISTADOS.....	43

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	11
2FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS.....	15
2.1.1Os Contos de Fadas na Atualidade.....	19
2.2 CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	22
2.2.1 Funções Pedagógicas dos Contos de Fadas	25
2.2.2Quem Conta um Conto?.....	30
3PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
4.1LOCAL DA PESQUISA	34
4.2TIPO DE PESQUISA.....	35
4.3POPULAÇÃO E AMOSTRA	35
4.4INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
4ANÁLISES DE RESULTADOS.....	37
5CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE (S)	48

1 INTRODUÇÃO

A origem do desenvolvimento da presente pesquisa ocorre à partir das indagações rotineiras enquanto professora de educação infantil, que busca em sua jornada, compreender o universo que permeia crianças de 4-5 anos de uma escola pública do litoral paulista.

A rotina propõe que as atividades de escrita e introdução a linguagem matemática, sejam contempladas como momentos de enriquecimento na formação da criança (importantes e necessários para o desenvolvimento cognitivo destes educandos), em detrimento as atividades de leitura são realizadas nos dias de chuva, no intervalo do desenvolvimento das habilidades tidas como "principais".

Diante desta situação ficou possível constatar que o plano docente desconsidera o interesse dos alunos pelos contos de fadas e as valiosas contribuições que esta literatura proporciona a faixa etária em questão.

Analisando a partir desta realidade, percebeu-se que os contos de fadas não eram utilizados como uma proposta didática do educador, desvalorizando suas relações com o imaginário e o lúdico nas referências dos valores humanos essenciais para a formação e desenvolvimento da criança.

O interesse dos alunos por histórias, em especial, pelos contos de fadas, evidenciou a necessidade de uma investigação em fontes bibliográficas vislumbrando as possíveis contribuições pedagógicas acerca dos contos ao projeto educativo do professor de educação infantil.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, mediante a aplicação de questionário elaborado previamente, onde foi possível criar categorias que ajudassem na análise acerca do conhecimento, que os profissionais entrevistados têm da temática em questão.

Fundamentando-se na abordagem da pesquisa qualitativa realizou-se revisão bibliográfica de autores clássicos que estudaram as narrativas milenares.

A análise de resultados dos dados obtidos na pesquisa permitiu que, por meio da abordagem quantitativa, ocorresse um diálogo entre as respostas dadas pela amostragem e os grifos destes pensadores.

A escolha dos contos de fadas como objeto da presente pesquisa, justifica-se, por ser perceptível a necessidade de proporcionar às crianças a busca pela

autonomia e criar condições para que sejam capazes de enfrentar os obstáculos decorrentes na infância.

A presença de personagens e enredos típicos dos contos de fadas no trabalho escolar torna-se um recurso indispensável aos educadores que lecionam junto à faixa etária estudada nesta pesquisa.

Os contos aprimoram o imaginário, o mágico, o fantástico, o maravilhoso; têm colaboração significativa para o desenvolvimento emocional da criança, pois lidam com o real e o imaginário, com o bem e o mal. Possibilita a criança a identificação com os personagens, vivenciando situações que auxiliam na resolução de possíveis conflitos, tornando-se ferramenta essencial para o crescimento infantil saudável.

O objetivo desta pesquisa é conhecer a concepção que os professores de Educação Infantil têm acerca da importância do trabalho pedagógico por meio dos contos de fadas com crianças de 4-5 anos e como é feito o uso deste recurso no cotidiano escolar.

Mediante a importância dos contos para o desenvolvimento da personalidade e da comunicação da criança e do fascinante universo que permeia o imaginário infantil, esta pesquisa possibilita alguns questionamentos: quais são as contribuições pedagógicas que os contos de fadas em atividades direcionadas e intencionais trazem as crianças? E como os educadores infantis têm desempenhado esta prática no ambiente escolar?

Levantou-se a hipótese de que o professor de Educação Infantil reconhece a importância da leitura dos contos de fadas para o desenvolvimento das crianças, no entanto, o seu uso no contexto escolar é feito como uma prática para o entretenimento.

Direcionada à luz de autores que estudaram esta narrativa desde sua gênese, criou-se uma seção que permite conhecer a origem dos contos de fadas, sua divulgação através de escritores europeus e as razões que contribuem para a permanência deste estilo literário na sociedade atual, despertando muito interesse entre crianças e adultos diante de tantos recursos tecnológicos.

O destaque inicial é para Charles Perrault, que teve interesse em divulgar os contos no intuito de resgatar os valores éticos da Grécia Antiga e incorporá-los na França, trazendo a literatura para o salão dos nobres.

Os Irmãos Grimm também tiveram papel fundamental na divulgação dos contos, enquanto buscavam a origem da língua alemã, tornando de conhecimento universal as narrativas que eram contadas pelos empregados, possibilitando o interesse de estudiosos e intrigando pesquisadores pelo fascínio exercido por esta literatura, e por isso, uma breve biografia destes alemães é desenvolvida neste item.

Na segunda seção, um breve histórico do contexto educacional brasileiro, permite compreender alguns fatos marcantes da Educação Brasileira, sempre inspirada em pensadores europeus, devido a influência colonizadora portuguesa.

Salientando ainda, como a Educação Infantil foi negligenciada por muito tempo no cenário educativo brasileiro, mostrando grandes lacunas na formação de nossas crianças. Neste sentido, convém grifar que as crianças brasileiras começam a ser compreendidas como seres em desenvolvimento, mediante a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1996.

E, embora haja, um grande caminho a se percorrer, diante dos 518 anos de Brasil, as últimas três décadas representam um grande salto em investimentos, estudos e mudança de comportamento, para o melhor atendimento das crianças.

À medida que o interesse pelo universo infantil vai ganhando espaço, é possível notar, que muitos pesquisadores brasileiros, começam a aprofundar-se acerca das ferramentas pedagógicas mais atrativas para auxiliar na formação integral da criança.

Neste sentido, é apresentada a subseção “Funções Pedagógicas dos Contos de Fadas”, uma série de contribuições trazidas por esta narrativa milenar no trabalho do educador infantil.

Uma vez esclarecida a importância dos contos de fadas na rotina pedagógica, é feito um convite ao leitor, para conhecer quem são os contadores de histórias. Grifando que eles saíram dos pequenos povoados para invadirem os grandes centros urbanos, mostrando que não se conta ou ouve histórias por falta de opções, mas por ser uma viagem ao imaginário, que nenhum outro suporte pode fornecer.

No intuito de ilustrar as concepções dos entrevistados acerca dos temas abordados na fundamentação teórica do presente trabalho, foi elaborado um questionário para professores atuantes em salas de Educação Infantil do município de São Sebastião, e mediante a coleta de dados foi feita a análise de resultados.

Os percentuais apresentados em gráficos e tabelas nos ícones Análises de Resultados e Considerações Finais foram avaliados a partir da devolutiva dada por 18 professores que contribuíram para a investigação de campo nesta pesquisa.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) sugerem que os professores devam organizar a sua prática de modo a promoverem em seus alunos o interesse e o gosto pela leitura dos mais variados gêneros literários no cotidiano escolar, contribuindo assim, para o seu desenvolvimento perceptivo, cognitivo, emocional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas existiam na cultura oral muito antes do surgimento da literatura infantil, nesta pesquisa será feito um pequeno apanhado entre suas primeiras publicações na Europa - considerada o berço da universalização dos contos de fadas - evidenciando, autores que diferenciam as obras de Perrault e os irmãos Grimm, para compreender as características que dão uma personalidade única ao gênero.

Cheloa (2006) considera que os contos foram originados por intermédio da oralidade e falavam acerca dos hábitos diários e acontecimentos cotidianos com certo espírito inventivo, desde a sua origem.

A necessidade que a humanidade criou de explicar de maneira racional fatos que não faziam parte do seu conhecimento, contribuiu para o surgimento dos contos maravilhosos, dos quais, os elementos mágicos colaboravam para a compreensão daquilo que não se explicava racionalmente.

A origem dos contos de fadas, de acordo com Coelho (1987) reside na população celta e ocorreu entre os séculos II a.C. e I da era cristã, contendo heróis e heroínas, creditando à esta época, o surgimento das fadas, para ilustrar a ascensão ao impossível.

A compreensão do surgimento do maravilhoso causa muita polêmica entre os estudiosos, sendo possível grifar que a fonte oriental é a mais antiga, mesmo tendo conhecimento que as primeiras publicações ganharam destaque por autores europeus, responsáveis pela divulgação dos contos em âmbito universal.

O Dicionário de Termos Literários (2018) evidencia que o francês Charles Perrault (1667) é o primeiro autor a organizar contos de fadas em um livro, os seus contos eram adaptados e tinham intuídos didáticos, que visavam orientar acerca de sentimentos e comportamentos infantis.

Esta característica é evidenciada por meio da inserção da célebre: "moral da história", que sempre ensina uma lição de boa conduta humana. Entre suas obras

encontram-se clássicos como: "A Bela Adormecida, "A Cinderela" e "O gato de Botas".

Ao final do século XII, na França todo esse caudal de narrativas maravilhosas já entrara em declínio: parte delas fora absorvida pelo povo e transformara-se em narrativas populares folclóricas, esvaziadas de sua essencialidade primitiva; outra parte diluíra-se nos romances preciosos, nos quais as aventuras heroico-amorosas da novelística medieval tendem a ser substituídas pelas aventuras sentimentais, patéticas, ou pelo heroísmo da paixão, intensificando-se o maravilhoso que lhes servia de espaço. A valentia cavaleiresca cede lugar ao romanesco. A fantasia desafia a lógica. (COELHO. 1987, p. 65)

Conforme a autora, neste contexto que Perrault começa a interessar-se pelo maravilhoso, disposto a redescobri-lo, sendo responsável assim, por criar o primeiro núcleo da literatura infantil ocidental.

Coelho (1987) enfatiza que na época de Perrault, a cultura greco-romana era considerada modelo superior em relação a cultura moderna, o que possibilitaria compreender a intenção do escritor em recuperar valores entre a produção literária, classificá-las e inserí-las na criação das novas versões, mediante a redescoberta do uso literário dos contos de fadas.

Mas esta é uma das possibilidades, a verdadeira intenção de Perrault no desenvolvimento do trabalho em redescobrir e recriar os contos de fadas, não está claramente delimitada. São inúmeras as hipóteses, deixando o tema aberto a pesquisas e conjeturas.

A autora salienta ainda que, o interesse dele em resgatar os contos folclóricos é relacionado a transição histórica ocorrida na França de Luís XIV, na qual valores e tradições entram em questionamento por intermédio da luta feminista.

Os contos escolhidos por Perrault descreviam mulheres vítimas de injustiça social e por intermédio da narrativa é possível confrontar a necessidade de ruptura de paradigmas antigos, a fim de abrir espaço para criação de novos valores, sendo um apoiador da causa da equidade entre homens e mulheres.

Neste cenário não é possível identificar o seu interesse pelo universo infantil, que começa a despontar somente na terceira edição de seus contos, onde Perrault demonstra a sua intenção de produzir literatura para crianças, por meio do conto: "Pele de Asno".

Abramovich (1997) assinala que Perrault mescla à narrativa popular sua criatividade de escritor e de acordo com a autora, ele o faz com muito bom gosto. Ela cita como exemplo o conto da Cinderela, muito divulgado entre adultos e crianças.

Narrativa, na qual, a princesa vivencia o menosprezo e o infortúnio de servir as irmãs e a madrasta, executando tarefas pesadas para uma jovem mulher (representando o povo), enquanto as outras damas da casa usufruíam de todo comodismo (destacando os nobres).

E é mediante o encontro com a fada madrinha, que Cinderela encontra a possibilidade de participar do baile e realizar o sonho de casar-se com um príncipe encantado.

A fada madrinha conforme Abramovich (1997) representa a chance de modificar a realidade, a criança que ouvir com todos os detalhes e atentar-se aos elementos da história de Cinderela, compreende que cedo ou tarde há de se mostrar, quem realmente se é. E poderá confrontar todas as lamúrias da personagem com a realidade da sociedade em que ela vive.

De acordo com o Dicionário de Termos Literários (2018), na Alemanha, Jakob Ludwig Karl (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) conhecidos por "irmãos Grimm", compilaram contos de fadas partindo de histórias contadas por parentes e aldeões, publicados entre os anos de 1812 e 1822.

Os Grimm também produziram uma coletânea de contos populares, no intuito de estudar a língua alemã; os contos eram escritos sem adaptações, pois tinham a intenção de resgatar a história da Alemanha e seus folclores.

O surgimento da literatura infantil é considerado a partir da publicação dos irmãos, quando pessoas do mundo inteiro começam a escrever histórias para crianças, inspiradas nas obras dos Grimm.

Em primeiro lugar, só os autênticos contos populares têm essa função, entre eles os contos dos irmãos Grimm, uma coletânea de velhos contos populares anotados pelos dois grandes cientistas. Não entram nessas linhas, os contos, por bem redigidos e cativantes que sejam nascidos da imaginação de um outro autor moderno. (LANZ, 2000, p.102).

Diferentemente de Perrault, os irmãos Grimm preocuparam-se em manter fidelidade às histórias provenientes de gerações passadas, preservando sua

essência: "As histórias de fadas falam ao nosso consciente e ao nosso inconsciente e, assim sendo, não precisam evitar contradições, já que estas coexistem facilmente em nosso consciente". (BETTELHEIM,2007, p. 242).

Abramovich (1997) alerta que muitos contos de Perrault foram reescritos pelos irmãos Grimm, por mais de um século após suas publicações, mas para ela, os contos de Perrault possuíam maior qualidade literária.

Coelho (1987) também ressalta para o distanciamento de tempo existente entre os contos dos Irmãos Grimm e Perrault, todavia não há concordância entre as pesquisadoras na questão da qualidade, ela considera que existem muitas semelhanças entre os autores em questão, e grifa que qualquer preferência seria desnecessária.

A autora considera que tanto nos contos resgatados pelos Grimm, como na coletânea de Perrault, é característico o encontro com a leveza, o bom humor e a alegria; há também os grandes obstáculos a serem enfrentados pelos personagens protagonistas.

Esta linha tênue que separa personagens e pessoas pode ser rompida facilmente no inconsciente, há o desaparecimento entre o real e o imaginário, tornando as tarefas complexas do dia-a-dia, ainda mais difíceis, e ao mesmo tempo, proporcionando o mérito do final feliz, elementos peculiares da narrativa e que aparecem nitidamente nestes autores.

Enfatiza o Dicionário de Termos Literários (2018) que por volta de 1846, os contos de Hans Cristian Andersen se popularizaram por toda a Europa, onde foi considerado por muitos, o mestre na arte dos contos. Dentre seus trabalhos, destacam-se "O Patinho Feio"; "A Pequena Sereia" e "As Roupas Novas do Imperador".

A popularidade de Andersen deu origem ao aparecimento de outros contos na literatura infantil inglesa, como "As Aventuras de Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll em 1865.

A obra de Carroll, de acordo com Coelho (1987) possui uma linguagem literária diferenciada dos contos de fadas, modificando a ideia do mundo fantástico por elementos ilógicos, absurdos.

Os contos têm o poder de suscitar esquemas nos diferentes ouvintes de forma tão singular que deixam a impressão de serem histórias personalizadas, dirigidas a cada um em particular. Desta forma, os contos de fadas tornam-se atemporais e de suma importância à vida de cada ouvinte, seja este criança ou adulto (CAPELLINI, 2008, p.117).

Conforme a autora, ouvir um conto pode ser uma atividade tão atrativa as crianças quanto aos adultos, e o educador que conta um conto com intencionalidade, estuda e elabora o momento da história, certamente, envolve-se com o conto e se remete as lembranças das histórias ouvidas na infância.

Coelho (1987) avalia que se não existissem as narrativas dos contos de fadas a humanidade seria diferente, pois através das histórias narradas é possível ver e sentir o mundo em sua essência e grandeza desde épocas primitivas.

Mendes (2000) assinala que é possível compreender nos contos o esquema básico da vida humana, onde podem ser vivenciadas todas as etapas desde a infância até a maturidade. O final feliz é sem dúvida a característica mais marcante dos contos de fadas, Betelheim (1980, p. 203) considera que: "Por mais fantástica ou terrível que seja a aventura, pode dar a criança ou ao adulto que a ouve, quando chega a reviravolta, uma retomada de fôlego..."

2.1.1 Os Contos de Fadas na Atualidade

Compreender uma atividade permanente com os contos de fadas na contemporaneidade pode causar polêmica, uma vez que existem novas estruturas literárias, livros dos mais variados modelos, tamanhos, cores; que são tratados como atividades de maior valor e interesse do educando.

O desenfreado avanço tecnológico ocorrido nas últimas décadas, e a fácil adaptação das crianças com estas ferramentas, permitiu que toda a estrutura escolar fosse questionada. O currículo, o trabalho manual, o próprio trabalho do educador, foram postos em xeque. É preciso entender que o educador da atualidade pode contar com muitos recursos em sua sala de aula.

Há escolas de Educação Infantil bilíngue, que acrescentam à sua grade curricular aulas de empreendedorismo, informática, robótica. Conteúdos que podem

ser compreendido como mais importantes e atuais para pesquisadores, pais e educadores.

Contudo, a magia, o encantamento, a possibilidade de enfrentar obstáculos, o estímulo a leitura e o contato com uma literatura que sobrevive desde os tempos mais primitivos não devem ser ignorados, em detrimento de outras metodologias.

De acordo com Alencar (2017) as narrativas derivadas de contos orais passadas por gerações até a atualidade dizem respeito a valores da humanidade que também resistiram ao tempo. Para o autor, os meios tecnológicos e versões modernas dos contos que excluem os elementos mágicos, massificam o pensamento e a criatividade das crianças.

Os contos de fadas são recursos fantásticos, através deles, as crianças entram em contato com o belo, o feio, o novo, o velho, os sentimentos de amor, culpa, ódio, vingança, humildade e uma infinidade de elementos que vão tornando a história cada vez mais real, quando menos percebem, elas já fazem parte dos contos.

Estes provêm de uma velha sabedoria popular, e não foram “inventados” e muito menos redigidos com o intuito de divertir crianças. São restos de uma velha mentalidade popular vazada em imagens e não em conceitos. Daí sua atração para as crianças que se acham, na aludida idade, num estado anímico semelhante. (LANZ, 2000, p.102).

No entanto, nem sempre elas são vítimas e compreendem-se como “mocinhos”, em alguns momentos elas percebem-se como o lobo-mau, como a bruxa maldosa, por terem tomado atitudes menos piedosas com o irmão mais novo ou por terem sido ríspidas com o colega no horário do intervalo.

Milanez (2003) analisa que as crianças e jovens poderiam surpreender-se ao descobrir que a Cinderela não é uma invenção de Walt Disney, muitos tiveram contato somente com o desenho da princesa; poucas ouviram histórias contadas por pais ou educadores.

Elas não têm conhecimento que estes contos são parte de nossa herança cultural. Tal desconhecimento é considerado pela autora uma perda significativa, por subentender-se um ritual familiar inserido no ato de contar e ouvir histórias, favorecendo a proximidade entre pais e filhos durante gerações.

Neste contexto, ao considerar o ambiente escolar, é possível compreender que existe uma aproximação entre alunos e educadores causada pela interação ocorrida no ato de contar histórias.

Abramovich (1997) salienta que os elementos tradicionais da estrutura literária dos contos de fadas têm seu papel significativo no desenvolvimento da trama e no objetivo a ser alcançado com as crianças.

Quando estes elementos são retirados, omitidos ou destacados demais no texto, podem possibilitar uma compreensão errônea, que não tragaos resultados benéficos esperados pelo educador, disposto a estimular o imaginário infantil.

O ato de contar histórias, neste momento, torna-se diferenciado daquele que faz uma simples leitura; ouvir histórias ganha uma conotação diferente do ato de escutar histórias, ou assistir um filme de fadas. O educador deverá se preocupar em conhecer os personagens, a trama, o contexto no qual o conto ocorre, antes de apresentá-lo às crianças.

Por isso, que estudar a história, saber contá-la, apropriar-se de seu conteúdo, compor um esquema mental, possibilita uma gama de oportunidades ao ouvinte.

Aqueles que contam de viva-voz uma história, deslumbrando-a em seus detalhes, compreende que a medida que a trama vai se desenrolando, todos os participantes ativam o imaginário, encantam-se, iludem-se, encontram-se no mundo maravilhoso.

O importante é que, enquanto escutam, elas se deparam com os conflitos das histórias como se fossem os seus conflitos internos; eles as interiorizam e julgam todos os acontecimentos, ao final feliz, parecem todo terem encontrado a resolução dos problemas que lhes foram trazidos durante o desenrolar da trama.

Alguns marcos de referência são necessários. Do ponto de vista do simbolismo tradicional, os personagens dos contos de tradição oral não são pessoas, mas configurações de possibilidades: figuram metaforicamente modos de ação da mente, da afetividade, da percepção e da intuição, tais como funcionam internamente, das mais variadas maneiras em cada ser humano (MACHADO, 2004, p. 60).

De acordo com Betthelliem (2007), os problemas infantis são colocados nos contos de forma atemporal e em outro espaço, porém são tão vivos como a realidade infantil. O final feliz busca realizar no universo infantil um relacionamento

sólido e satisfatório com o mundo que o cerca. Passando por obstáculos, que são recursos fundamentais no desenvolvimento humano.

O enredo básico dos contos de fadas expressa os obstáculos, ou provas que precisam ser vencidas, como verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro do seu verdadeiro “eu”, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado”. (CAPELLINI, 200, p. 111).

2.2 CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Segundo Cheloa (2006), os contos coletados por Perrault na França tinham a pretensão de entreter os filhos do rei Luís XIV e sua corte nobre, esta ligação com a nobreza europeia colaborou para a vinda dos contos de fadas ao Brasil.

É com a chegada da família real ao Brasil, no século XIX, que o sistema educacional brasileiro começa a sofrer modificações e os contos são inseridos por intermédio da Imprensa Régia, conforme salienta Mendes (2000).

No Brasil, também existem coleções de contos populares publicadas ao final do século XIX e início do passado, aliás, a esse tempo estudar folclore neste país, era estudar a literatura oral. Nessa época, várias coleções foram editadas como as de Basílio Magalhães, Sílvio Romero e Figueiredo Pimental. Outro pesquisador foi o folclorista potiguar Câmara Cascudos que lançou na década de 1940, contos tradicionais do Brasil, reunindo narrativas de todo o território nacional. Mas há que se ter atenção para o fato de a seleção feita por Cascudo não possuir nenhuma intenção didática. Ele apresenta as narrativas exatamente como as ouviu, sem juízo de valor, sem as adocicar, como se diz. (CHELOA, 2006, p.48).

De acordo com Mendes (2000), a primeira coletânea de contos brasileiros é publicada em Portugal no ano de 1885, por Sílvio Romero. A edição brasileira da obra de Romero foi publicada 12 anos depois, 1897 pela Livraria Clássica de Alves &Comp. no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Conforme a autora, Figueiredo Pimentel foi o primeiro autor a publicar as obras traduzidas da coletânea francesa “Contos da Carochinha” no Rio de Janeiro, por intermédio da “Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma” em 1894.

As edições contendo registros das narrativas brasileiras começaram a aparecer no século XIX, sendo Câmara Cascudo, o responsável por publicar os contos brasileiros, sem fazer intervenções próprias no enredo das histórias. É

importante ressaltar que os contos foram publicados antes das edições em território nacional.

Compreendendo a inclusão dos contos de fadas no Brasil, torna-se importante esclarecer como a educação infantil foi reconhecida como parte integrante do ensino fundamental, sendo que na atualidade, ela ganhou destaque, mediante Leis que a tornaram obrigatória. A primeira vez que ela ganhou aparato legal foi por intermédio da Constituição de 1988, há apenas três décadas.

De 1975, quando se realizou o 1º Diagnóstico Nacional da Educação Pré-Escolar feito pelo MEC, e 1979, quando se comemorou o Ano Internacional da Criança, passando pela Constituição Federal de 1988, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente 1990, e por último, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. (CHAVES, 2008, p.8).

Comparada a história da existência da história da Educação Brasileira, considerada à partir da catequização jesuítica dos povos indígenas, há uma grande lacuna em posicionar-se legalmente acerca das necessidades para o desenvolvimento de uma infância pautada nos direitos das crianças.

O que permite analisar que a história da Educação Infantil no Brasil, mesmo que tenha sido tratada em segundo plano por séculos, avança em um período de 33 anos, sendo observada sob um ponto de vista formativo, é nesta época que a infância brasileira começa a ser contemplada com documentos que demonstram preocupações com os cuidados próprios da idade.

Nunca na História do Brasil, a criança brasileira foi contemplada com tantas leis, garantindo seus direitos. Apesar da quantidade de leis em vigor, na prática, o cumprimento da lei na sociedade e nas instituições, principalmente a Escola, tem deixado muito a desejar, há um verdadeiro divórcio. (CHAVES, 2008, p.9).

Para a autora, o arsenal documental, que legaliza o direito das crianças, assim como direitos e deveres de pais e professores, não tem cobrado com rigorosidade o cumprimento destas leis, que pode estar separado dos interesses da criança, por total desconhecimento dos responsáveis ou por falta de interesse público. Acontece que de acordo com o artigo 227 da Constituição Federal 1988.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, s/p).

Se por um lado temos uma documentação que assegura todos os direitos da criança e cobra do Estado e suas instituições, o seu melhor atendimento, o papel do

educador, torna-se diferente daquela função de cuidador, vinculada aos conceitos de creche, que tinha uma missão de ensinar higienização.

E neste sentido, é preciso repensar os critérios para o desenvolvimento das atividades propostas para a Educação Infantil, é demasiadamente necessário que este profissional considere a necessidade que a fantasia e o mundo imaginário ofertam como escapes para os ensaios e a ira das crianças. É importante ainda, que ele permita por meio de criações artísticas e vivências literárias, o desenvolvimento da estética, da sensibilidade, da criatividade, da autonomia.

O exercício da função magistério na contemporaneidade exige educadores com visão crítica apurada, atualizados, pesquisadores, inovadores, que despertem o interesse de seus alunos, que conheça os meios tecnológicos, que trabalhe com objetivos claros, que planejem (demonstrem a intencionalidade de suas ações).

Freire (2005) afirma que é necessário considerar o conhecimento de mundo do educando, as relações que ele tem com o seu meio, sua memória afetiva, seus vínculos sociais. Assim como é preciso, respeitar os anseios infantis, proporcionar o contato com o imaginário e despertar a curiosidade pela literatura.

Para que o educador atinja esses objetivos, é necessário que ele seja capaz de instigar a curiosidade do educando, estimular a sua criatividade e o gosto pela leitura. Os contos de fadas são ferramentas que auxiliam neste processo, atuando no imaginário infantil.

Muito tem se falado na alienação do indivíduo, mas não estaria a escola alienada em sua própria maneira burocrática de desenvolver seus projetos? Ou de impossibilitar o aluno de enxergar neste ambiente, uma extensão do seu ser, podendo-lhe qualquer maneira criativa de desenvolver um trabalho, impossibilitando seu contato com a fantasia, com o lúdico?

Conforme o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 1988) é de suma importância compreender as habilidades do aluno, identificando assim, igualmente, suas dificuldades, buscando o seu desenvolvimento cultural. Torna-se prática extremamente necessária do professor de Educação Infantil, estimular o comportamento leitor, o contato com textos literários, no intuito de estimular a criticidade, o gosto pela leitura, pela audição de histórias, e, permitir que este cresça fazendo a leitura de sua própria existência.

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da

idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, dentre outros) e pela escrita.

A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis, revistas etc. Que seja aconchegante e no qual as crianças possam manipulá-los e “lê-los” seja em momentos organizados ou espontaneamente. (BRASIL, 1998, p.135, v.3).

De acordo com Vygotsky (1994) a criança em idade pré-escolar ainda não sabe lidar com seus anseios e desejos imediatos, portanto, envolve-se num mundo imaginário para enfrentar estes obstáculos.

No princípio da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estado precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. (VYGOTSKY, 1994, p. 122).

Considerando as análises acerca das propostas educativas para crianças entre 4-5 anos na educação brasileira e na função do educador dentro do contexto escolar, podemos inferir que os contos de fadas são recursos imprescindíveis para o trabalho com a fantasia, o mágico e o imaginário no desenvolvimento infantil, permitindo às crianças desenvolverem a criatividade e superarem conflitos internos típicos desta faixa etária.

2.2.1 Funções Pedagógicas dos Contos de Fadas

Enfatiza Coelho (1990) que a função pedagógica dos contos de fadas, na maioria das vezes, consistia em afastar as crianças dos perigos. Além disso, encontrava-se nesses contos a defesa de valores como a virtude, a esperteza e o trabalho.

Bettelheim (2007) assinala que é por meio dos contos que a criança aprende a lidar com os desafios da infância, alcançando a compreensão dos fatos, antes de conseguir a maturidade intelectual, cada um encontra nos contos significados diferentes de acordo com suas necessidades e interesses nas diversas fases da vida.

Sendo assim, o uso dos contos de fadas na Educação Infantil se difere dos outros gêneros literários, devido a sua estrutura, seus arquétipos, a atemporalidade e a simbologia contida no desenrolar fantástico e fantasioso da sua oralidade.

Conforme assinala Makarenko (1981), a importância do uso dos contos de fadas com crianças em idade pré-escolar, é uma excelente ferramenta, se não a primordial, para a sua formação cultural, ou como proposto pelo próprio autor, na “educação de hábitos culturais”.

O autor salienta a necessidade de novas posturas que estimulem a curiosidade infantil, para atividades artísticas e culturais, considerando que estas ocorram de forma elaborada e não pela inserção automática, de senso comum. Os hábitos culturais devem ser tratados no ambiente escolar de forma organizada, sistemática e rigorosa, como qualquer outro conhecimento que faça parte dos componentes curriculares da Educação Infantil.

Não se pode concluir daí que a formação de hábitos culturais pode se dar espontaneamente, e que esta é a melhor forma de conseguí-los. O automatismo neste aspecto como em qualquer outro – pode causar muito prejuízo, porque os efeitos da educação são menosprezados, o que pode ocasionar muitos erros. (MAKARENKO, 1981, p.78).

Ele apresenta propostas pedagógicas, onde ressalta que é possível considerar que, os hábitos da vida adulta colaboram para a formação cultural infantil. Por isso a necessidade em trabalhar os conhecimentos adquiridos ao longo da existência humana, com o auxílio das narrativas atemporais.

A formação cultural é eficaz quando é organizada conscientemente, com um plano, com um método adequado e com controle. Deve-se começar o quanto antes, quando a criança ainda está longe da etapa da leitura, no período de seu desenvolvimento sensorial, quando começou a ver e a ouvir com clareza e a balbuciar algumas palavras. Um conto bem relatado já é um começo de formação cultural. Seria muito útil que na biblioteca de cada família houvesse uma coleção de contos. (MAKARENKO, 1981, p.78)

Discursando sobre a necessidade da biblioteca familiar, é preciso compreender que, ambiente familiar difere do ambiente escolar.

Quando vai a escola a criança descobre uma infinidade de mundos possíveis não mais restritos ao ambiente familiar, mas nem por isso abandona o mundo da casa, dos seus pais e dos seus brinquedos prediletos, apenas emerge com a poesia da vida por inteiro (POOLI, 2001, p.99).

Considerar que as relações escolares comparadas as relações familiares são simplórias é um engano, elas são complementares, uma vez, que ambas devem

interagir entre si, é importante não confundir os dois espaços, pois seria desastroso, mas alinhar suas funções coerentemente.

Muitos estudos se equivocam quando misturam os papéis da escola com o da família, reivindicando para que as duas tenham uma colaboração tão estreita que muitas vezes não consigam separar a função de uma com a de outra. Não é raro, inclusive, que professores culpem a família pelo fracasso escolar do aluno, assim como alguns pais culpem a escola pelo comportamento de seus filhos (POOLI, 2001, p. 101).

Lanz (2000, p. 77) afirma que no mundo inteiro a crise educacional, aproxima-se da calamidade. “A escola pretende desmembrar o ensino em compartimentos, embutir nos alunos um currículo composto desses blocos pré-fabricados e ler o resultado numa escala internacional”. O autor acredita que de “ciência veio a ser um conglomerado eclético de receitas espúrias” (p.78). Ele ainda faz uma crítica acirrada sobre os conceitos e conteúdos aplicados na escola atual, afirmando que estes referidos são conhecimentos “obsoletos” depositados num ritmo acelerado.

Para ele, as escolas não têm preparado seus alunos para decidirem e atuarem no meio social, mas sim para reterem o maior número de informações e saberem divulgá-las de maneira prática, sem atingir necessariamente conhecimento, preocupados com respostas imediatas, visando a quantidade em detrimento da qualidade.

Nos moldes de um projeto pedagógico mais tradicional, o jovem capacitado é aquele que reproduz com maior agilidade e de maneira mais precisa o que lhe foi dito minutos antes. É como se a criatividade e o raciocínio fossem tarefas para serem aplicadas no momento do ócio e dispensadas no saber sério da jornada escolar.

Os adultos tendem a formar as crianças na escola de acordo com as suas crenças já cristalizadas, independente se estas contêm conteúdos de verdade ou não. É neste ponto que a intervenção dos professores é fundamental, uma vez que a socialização deveria pautar-se pela tolerância e por um sentido de razoabilidade que os adultos geralmente não possuem. A criança deve conviver com um conjunto amplo de possibilidades e não percorrer, como querem os adultos, caminhos previamente traçados por normas caducas ou processos excessivamente pedagogizados que pouco contribuem para sustentar a espontaneidade sempre criadora e teimosa das crianças. (POOLI, 2001, p.104).

Os conteúdos escolares são aqueles padronizados, contidos em cartilhas e apostilas, elaborados por quem não conhece a realidade dos alunos da escola que

fazem uso deste material. “Na própria era da tecnocracia, o ensino criado por esse sistema não é capaz de satisfazer nem as exigências do próprio sistema”. (LANZ, 2000, p.78).

De acordo com Lanz (2000) o homem é tomado de “uma passividade mental” desde o seu nascimento, os meios eletrônicos e as mídias que trazem conteúdos massificados são os grandes responsáveis pelo comodismo intelectual.

Alguns pais e educadores por vezes podem avaliar os contos de fadas como antiquados para serem contados aos filhos, supondo que as crianças não se interessam por literaturas clássicas por se tratar de uma linguagem muito elaborada.

No que se refere aos elementos dos contos de fadas, Bettelheim (2007, p. 172) considera que as adaptações destes contos, onde os monstros são eliminados é uma forma de não permitir a criança de vivenciar conflitos que fazem parte de seu inconsciente, é como limitar a infância através da visão unilateral do adulto que acredita que há uma única vertente para os fatos.

Quando não podia mais ser negado que a criança é perturbada por conflitos profundos, angustias e desejos violentos, e irremediavelmente sacudida por todos os tipos de processos irracionais, conclui-se que, pelo fato de já temer tantas coisas, qualquer outra coisa que parecesse assustadora deveria ser mantida longe dela. Uma história específica pode efetivamente tornar certas crianças angustiadas, mas uma vez que estejam mais familiarizadas com as histórias de fadas, os aspectos temíveis parecem desaparecer, enquanto que os traços tranquilizadores se tornam cada vez mais dominante”. (BETTELHEIM, 2007, p.175)

Entretanto, para que sejam acarretados aspectos positivos, é importante que ocorram intervenções do educador (contador de histórias) com coerência aos elementos dos contos e a aceitação das crianças em determinados momentos da trama, assim como, a entonação de voz, a continuidade ou a pausa da história.

É necessário ter bom senso ao começar seu trabalho, desempenhar o papel de contador não é algo que necessite de técnicas prontas ou receita, mas principalmente, sensibilidade para que seja capaz de perceber os momentos de interagir, engrossar ou diminuir a voz, colocar ponto final na história, no intuito de que nenhuma criança saia assustada, triste ou escandalizada com o seu desfecho.

Portanto, é possível compreender nos contos de fadas um gênero literário que cria ao leitor oportunidades, durante o desenrolar da trama, de encontrar significados relevantes aos desafios diários; os contos de fadas são compostos de

elementos que facilitam a memorização e torna a narrativa apropriada a oralidade, evidenciando ainda mais sua função pedagógica no âmbito escolar.

A audição dos contos de fadas traz à criança ideias sobre como poderia criar ordem a partir do caos que é sua vida interior. O conto de fadas sugere não só isolar e separar os aspectos díspares e confusos de sua experiência em pólos opostos, mas também projetá-los em diferentes personagens. Até mesmo Freud não encontrou melhor maneira de ajudar a dar sentido a incrível mistura de contradições que coexistem em nossa mente e vida interior do que criar símbolos para aspectos isolados da personalidade. (BETTELHEIM, 2007, p.108).

É de extrema importância grifar do que se trata uma literatura clássica. Saviani (2003) definiu como conhecimento clássico aquele que é resistente a sua época, passando por outras gerações.

Clássico é aquilo que resistiu ao tempo, logo sua validade extrapola o momento em que ele foi proposto. É por isso que a cultura greco-romana é considerada clássica: embora tenha sido produzida na Antiguidade, mantém-se válida, mesmo para as épocas posteriores. (SAVIANI, 2003, p.101).

Os estudos destinados a compreender as questões relacionadas aos contos, sua origem, as funções psicanalíticas, pedagógicas, terapêuticas, adquirindo seus benefícios, no uso correto do gênero literário são crescentes, nesta pesquisa o enfoque compreende as possibilidades pedagógicas que o educador infantil poderá encontrar no trabalho desenvolvido com crianças entre 4-5 anos.

Encontramos nas grandiosas imagens dos contos os grandes princípios diretores da evolução humana. O estado original de harmonia e perfeição (o "reino"); a queda ("a madrasta", as andanças pela floresta); a perda da harmonia original (o mundo das pedras, os sofrimentos), as tentações (dragões, fadas más), o despertar da inteligência (anões que auxiliam outros seres elementares), a alma que luta (a "princesa" vestida de trapos, ou o príncipe que passa por dificuldades), a redenção final, isto é, a purificação como volta a um estado de harmonia (o casamento feliz, da princesa com o príncipe), etc. Em seus mínimos detalhes, os autênticos contos de fadas revelam essa origem oculta que continha, para gerações remotas, toda a moralidade de que precisavam, além de satisfazerem sua "curiosidade" histórica. (LANZ, 2000, p.103).

No intuito de analisar as funções contidas nos contos de Perrault, Mendes (2000, p.56) propõe uma análise das compreensões feitas pelo norte-americano Robert Darton, acerca dos contos populares franceses como símbolo da rebeldia dos desprivilegiados e como documentação histórica importantíssima aos povos futuros.

A proposta de Darton, de acordo com Mendes (2000, p.58) confere a uma abordagem histórica que está em contrapartida aos estudos psicanalíticos de Bettelheim (2007); ao educador, não cabe prender-se a psicanálise dos contos ou a sua vertente socio-histórica, e sim, interpretar o maior número possível de funções que podem ser atribuídas aos contos de fadas, para colaborar no trabalho pedagógico ocorrido em sala de aula.

Como se pode ver, através das interpretações dos linguistas, folcloristas, mitólogos, psicólogos, filósofos, historiadores e críticos literários, os mitos e contos de fadas vão adquirindo diferentes significados. E todos esses significados realmente podem estar presentes nessas histórias que, como obra de arte, se revelam portadores de múltiplos sentidos. De todos esses sentidos emerge uma visão do papel desempenhado pelas narrativas populares em todas as culturas: elas representam uma maneira de ver o mundo, uma ideologia que, apesar das diferenças entre o ontem e o hoje, tem permanecido inalterável ao longo do tempo. (MENDES, 2000, p. 58).

A contação de histórias pode proporcionar inquietudes, indagações, questionamentos, desde que ocorra em ambiente escolar de maneira sistematizada e esteja incluso na rotina do educador. Contados num intervalo grande de tempo, sem intenção didática bem estabelecida, os objetivos podem não ser atingidos.

2.2.2 Quem Conta um Conto?

O contato inicial das crianças com as histórias infantis ocorre oralmente, mediante a voz da mãe ou dos familiares que narram: contos de fadas, histórias inventadas, poemas, sendo importante salientar que o ouvir e contar histórias devem ser considerados atos prazerosos.

Coelho (1987) ressalta que existem muitas maneiras para apresentar uma história para crianças, e alguns métodos que pode torná-la ainda mais atrativa. A simples narrativa é um destes recursos e não exige nenhum gasto material, é processado por intermédio da voz e pela expressão corporal do narrador, adquiridos pela compreensão da história.

Cabe ao contador de histórias possibilitar o contato entre o ouvinte e o conto. Neste contato alguns recursos como a entonação de voz, os recursos criativos que dão vida aos personagens permitem ao contador desenvolver na

criança o gosto por este mundo fantasioso e o estímulo a leitura dos diversos gêneros literários.

Para Coelho (1987), a narrativa deve ser utilizada, principalmente em lendas, fábulas, contos maravilhosos e contos de fadas, ou em histórias tradicionais da oralidade que tenham estruturas semelhantes a estas. Para a autora, ao contador é indispensável vivências, é necessário desenvolver o enredo com criatividade e de modo original, captando de maneira sensível a mensagem implícita na história.

No ato de contar histórias, “é importante destacar no enredo o que é essencial e o que são detalhes. O essencial deve ser contado na íntegra e os detalhes devem fluir por conta da criatividade do narrador do momento”. (COELHO, 1990, p.22).

Conforme a autora, o contador de histórias deve estar emocionalmente envolvido com a narrativa, cujas emoções podem ser transmitidas pela sua voz, modulando-a de acordo com o que se está contando, buscando expor a emoção com clareza e intensidade. Ele deve ser capaz de compreender que o ato de narrar representa uma interação entre a mensagem, os personagens e o ouvinte.

Se o contar histórias é uma prática com o tempo contado nos meios rurais, quem são os interessados em praticar esta ação e difundi-la na atualidade? O que existe de tão estimulante no contar histórias, uma cultura que poderia ser considerada ultrapassada diante de tantos feitos tecnológicos? Como tem se desenvolvido esse trabalho e em qual tipo de ambiente ele é aceito? Qual a necessidade de se formar contadores de histórias se a *internet* tem desempenhado o papel de entreter?

Machado (2004) assinala que o desaparecimento dos velhos contadores tradicionais torna-se evidente, contudo, novos grupos passam a demonstrar interesse pelo assunto.

Em São Paulo, hoje há inúmeros contadores de histórias, e sei que em cidades como o Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Florianópolis e muitas outras existem grupos fazendo trabalhos de qualidade, sendo cada vez mais requisitados e reconhecidos. (MACHADO, 2004, p 14).

O aumento de interessados em contar histórias nos grandes centros urbanos propõe uma nova conotação às histórias e aos seus protagonistas, instigando a

curiosidade de pesquisadores. O ato de contar história é considerado uma arte, não existe o profissional em contar histórias, existem pessoas especializadas em outras áreas, que se disponibilizam ao aprendizado do contar histórias.

Abramovich (1997) salienta que o contador ao mediar a relação entre o enredo e o ouvinte pode instigar um desenvolvimento crítico do conteúdo.

É importante ressaltar que a ação com intencionalidade pedagógica exige atentar-se a alguns detalhes como o preparo do espaço físico para acomodar os ouvintes, leitura prévia da história pelo contador, entonação de voz conotando vida aos personagens.

Também, podem ser usados recursos materiais e humanos, posturas que contribuam para atingir o objetivo do educador em sensibilizar e desenvolver o imaginário da criança neste momento mágico.

Coelho (1987) alerta para o exagero de gestos e movimentos, considerando que o narrador não deve proceder como um artista cênico no palco. Ele deve estar envolvido com a narrativa, entretanto ciente que suas emoções são transmitidas por meio da voz, seu principal recurso.

De acordo com Machado (2004), o contar histórias surge em nossa época como um sentimento que “renasce das cinzas”, e não como um modismo, afirmando que, ninguém fez uma divulgação maior, pedindo o ressurgimento dos contadores de histórias, e de repente, como numa epidemia, os hospitais, as escolas, os asilos e demais instituições parecem estar repletos de pessoas propagando esta arte.

O contador de histórias é um ser que encontra nos objetos inanimados, formas humanas, capaz de designar ao imaginário: cheiro, tato, volume, forma, enfim, permite criar um elo muito estreito entre o real e o imaginário.

Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais, isto é, que constituem sua estrutura. (COELHO, 1990, p.21).

E neste sentido, os contos de fadas por meio de sua estrutura literária e seu formato atemporal, convidam seus ouvintes para retomar tradições e valores anteriores a esfera digital, trabalhando com a fantasia das crianças e também dos adultos, que na infância foram grandes apreciadores das mesmas tramas.

A beleza da literatura encontra-se na palavra, na escrita e também nos conhecimentos, mitos, lendas, que transmite a quem sabe apreciá-los.

Não há dúvidas de que dominar a origem e os diversos conhecimentos relacionados aos gêneros literários, possibilita aos educadores proporcionar aos educandos um contato com diferentes formas de expressões e cultura adquirida através do tempo, além do prazer em poder adentrar no mundo das histórias fantásticas, que remete a lugares distantes com personagens dotados de poderes mágicos. É muito valioso viajar num determinado tempo por lugares deslumbrantes junto a estes seres encantados.

Conforme Abramovich (1997) é necessário saber se os ouvintes se identificam com os contos, se apreciam o desenvolvimento da história, se questionam ou concordam com os elementos existentes na trama. Devem ser consideradas tanto as impressões positivas quanto as negativas.

O professor pode utilizar-se de uma infinidade de recursos para atingir os objetivos pedagógicos do uso dos contos de fadas em sala de aula. O educador que se propõe ao papel de contador de histórias, não é aquele que educa usando como recurso pedagógico a literatura infantil, mas sim, aquele que usa recursos para tornar a leitura mais atrativa, convidativa e prazerosa as crianças.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 LOCAL DA PESQUISA

Localizada no litoral norte do Estado de São Paulo, a cidade de São Sebastião é admirada por suas riquezas naturais. A extensão de seu território é cortada de ponta a ponta pela Rodovia Rio-Santos, paisagem deslumbrante, cantarolada pela voz dos Novos Baianos na década 70, com a seguinte afirmação: “Não, não é uma estrada, é uma viagem”.

A estrada que facilitou o turismo, o progresso, os serviços básicos para a comunidade, despertou olhares e interesses e, também, é uma espécie de linha imaginária, que separa a “pobreza da beleza”.

Nas entrances da Mata Atlântica limitada pelo Oceano Atlântico vivem caiçaras, indígenas, migrantes. Eles estão do lado oposto das mansões pé na areia, o lado oposto ao mar, é o morro, o chamado sertão.

No sertão estão as ocupações irregulares, ruas nomeadas pelos seus ocupantes, as fiações clandestinas, as moradias de alto risco, o medo da chuva, e os alunos que ocupam as 13.460 cadeiras nas Escolas Municipais de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, conforme salienta gráfico do último censo do IBGE (2015).

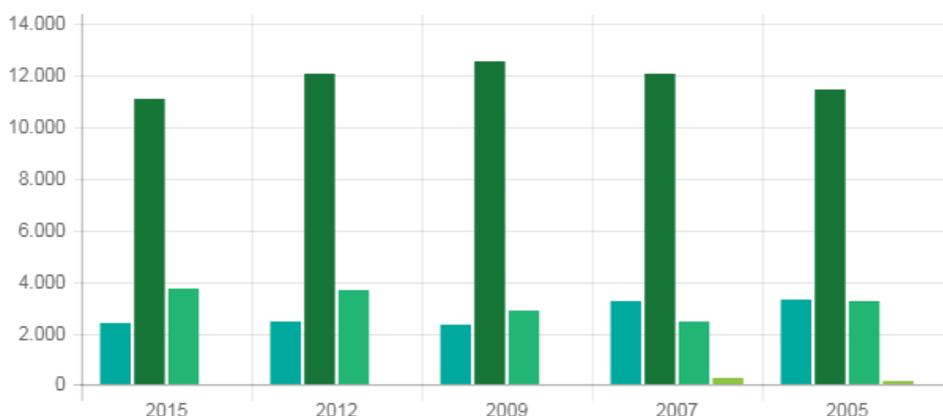


Gráfico1: Número de Alunos Matriculados no Ensino Fundamental I e II (IBGE - 2015)

Fonte: IBGE (2015).

3.2 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, uma vez, que se realizou a coleta de dados, mediante distribuição de questionários para professores de Educação Infantil na rede municipal de São Sebastião, permitindo assim, criar gráficos que ilustrassem a relevância do uso dos contos de fadas na Educação Infantil.

A reflexão sobre o desenvolvimento histórico do método científico levou a descobrir todo um conjunto de processos ou etapas: a observação e a coleta de todos os dados possíveis, a hipótese que procurar dar uma explicação provisória, a experimentação, e a sucessiva indução da lei que fornece a explicação de todo o trabalho de investigação. Estas etapas utilizam: a análise, a síntese, a dedução e a indução. (RAMPAZZO, 2005, p.135).

E, também, estabeleceu critérios quantitativos, permitindo uma análise reflexiva dos percentuais de incidências nas respostas dadas pelos entrevistados.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostragem foi feita mediante os resultados obtidos por meio das respostas de professores (contratados e efetivos do município de São Sebastião), que se mostraram dispostos a responder um questionário elaborado previamente e distribuídos fisicamente e/ou por meio de plataforma digital, a fim de conhecer as percepções que estes educandos têm acerca do uso permanente dos contos de fadas na prática pedagógica.

A faixa etária foi limitada às crianças entre 4 e 5 anos, e as perguntas tinham o intuito de abordar a frequência, as versões, os contos que eram mais lidos, a metodologia, a fim de conhecer um pouco desta realidade, analisando os números obtidos, à luz de autores respeitados que se dedicaram a estudar os contos de fadas.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O questionário foi formulado com perguntas abertas e fechadas, a fim de conhecer como ocorre a contação dos contos de fadas no contexto escolar: “a

elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas a fim de aumentar a sua eficácia e validade". (RAMPAZZO, 2005, p.113).

Por meio da coleta de dados, foi possível investigar fatos importantes para compreender se a prática educativa dos educadores de São Sebastião mostrava-se condizentes com os autores que durante décadas têm estudados a importância do uso desta literatura tão enriquecedora.

Salientando aqui, que as respostas foram analisadas à luz de autores que tratam do valor significativo dos contos de fadas como: LANZ (2000), BETHELLEIM (2007), B. COELHO (1987), N.N. COELHO (1990) e outros. Por intermédio da observação dos dados encontrados, pode-se inferir que a hipótese inicial está em concordância com os percentuais apresentados.

4ANÁLISE DOS RESULTADOS

A primeira pergunta realizada aos professores entrevistados, dizia respeito a sua formação acadêmica, uma vez que, desde a promulgação da Constituição de 1988, o ingresso à função docente previa a exigência de escolarização em nível superior.

O percentual de 100% de professores licenciados em Pedagogia que atuam no município de São Sebastião–SP, demonstra que os esforços realizados nas esferas municipais, estaduais e federais, de formar em nível superior todos os docentes, incluindo os professores de Educação Infantil, que há algumas décadas atrás, possuíam somente o magistério, têm surtido resultados positivos.

Grifo aqui os professores de Educação Infantil, não por ser considerado de menor importância, mas por ter sido uma área tratada com pequena visibilidade por tempos, e que na atualidade tem recebido critérios prioritários.

A figura 2, representada logo abaixo, mostra a incidência das respostas de professores que têm buscado frequente capacitação na Educação Infantil, e neste sentido, pode-se observar, que o número dos que se especializaram na área, é superior à 60%.

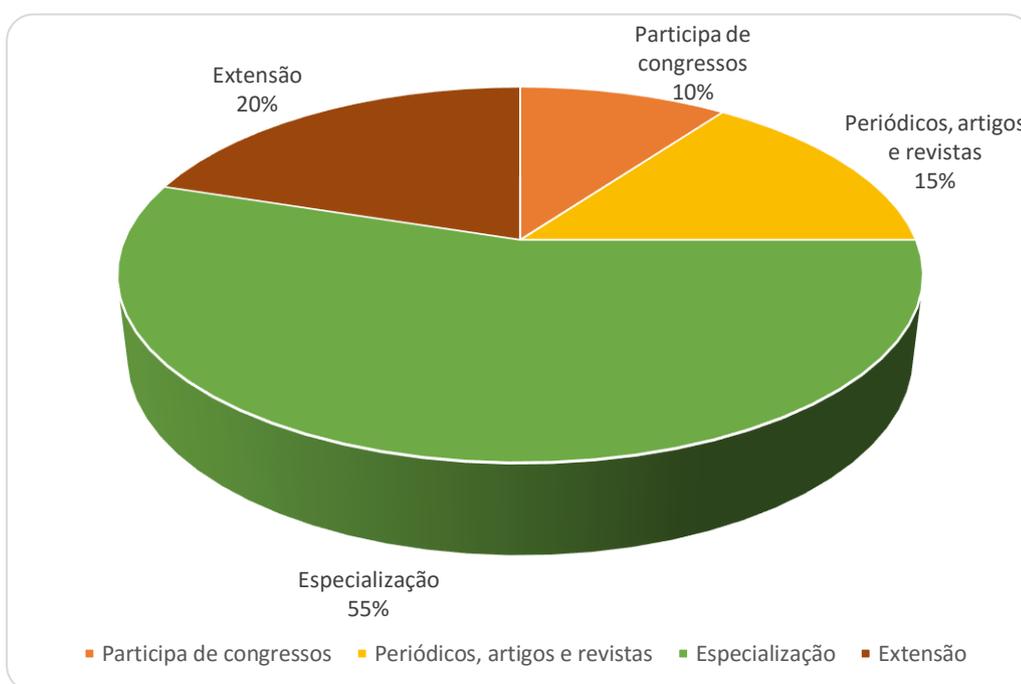


Gráfico2: Capacitação Docente
Fonte: A autora, 2018.

Este resultado pode ser analisado mediante aos processos de pontuação para remoção no artigo 159, que dispõe acerca dos programas de capacitação municipais, conforme a Lei Complementar N° 76/2016.

Os critérios de pontuação para classificação dos candidatos à remoção serão estabelecidos em edital específico, expedido pela Secretaria Municipal de Educação, anualmente, atendidos os critérios mínimos de tempo no serviço público e: I- tempo de serviço público em sala de aula; II títulos de formação e capacitação profissional. (SÃO SEBASTIÃO, 2012).

Ao solicitar aos participantes que lessem a afirmação de Bettelheim (2007, p.20) “Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e, enriquece a existência da criança que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança”, pediu-se que eles escolhessem uma das alternativas, conforme apresenta a incidência de respostas no gráfico abaixo.

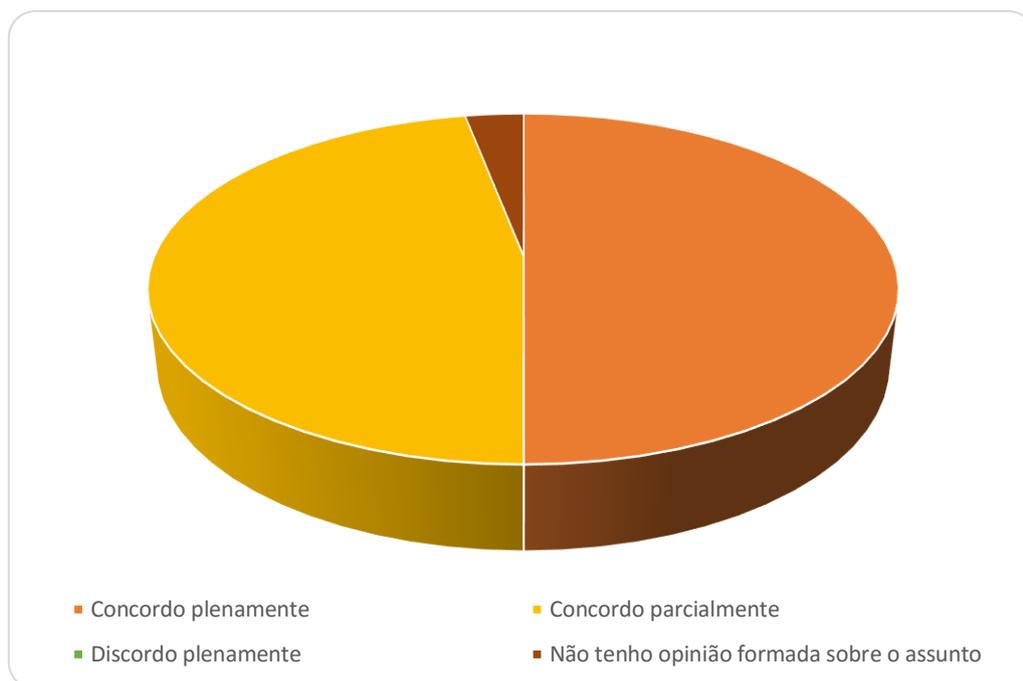


Gráfico3: Utilização dos Contos de Fadas.

Fonte: A autora, 2018.

Os resultados obtidos apontam que 50% dos entrevistados concordam que as funções psicanalíticas dos contos de fadas configuram um trabalho importante no ambiente escolar e consideram necessário que o professor esteja cômico da

necessidade em inserir o uso desta ferramenta no seu cotidiano; 47% responderam que concordam parcialmente com a afirmativa, onde é possível considerar que a hora do conto de fadas é importante, mas que não, necessariamente é a única leitura responsável por proporcionar estas contribuições, conforme é possível destacar na questão abaixo.

Em conformidade com o autor, cabe grifar que é significativa para o desenvolvimento infantil a presença de elementos mágicos que permitam às crianças fantasiar, imaginar e identificar-se com os personagens, na busca pelo final feliz.

Das funções pedagógicas dos contos de fadas para a Educação Infantil Bettelheim (2007) considera que “nenhum tipo de literatura é tão satisfatório como os contos de fadas por ensinarem sobre os problemas internos dos seres humanos, atuando em seu inconsciente e contribuindo para superação destes conflitos”, trecho em que autor reforça a ideia que o uso dos contos de fadas para esta faixa etária, é exclusivo, diferenciado de qualquer outro gênero literário.

Os participantes se manifestaram à afirmação de maneira não consensual, conforme apresenta a Figura abaixo.

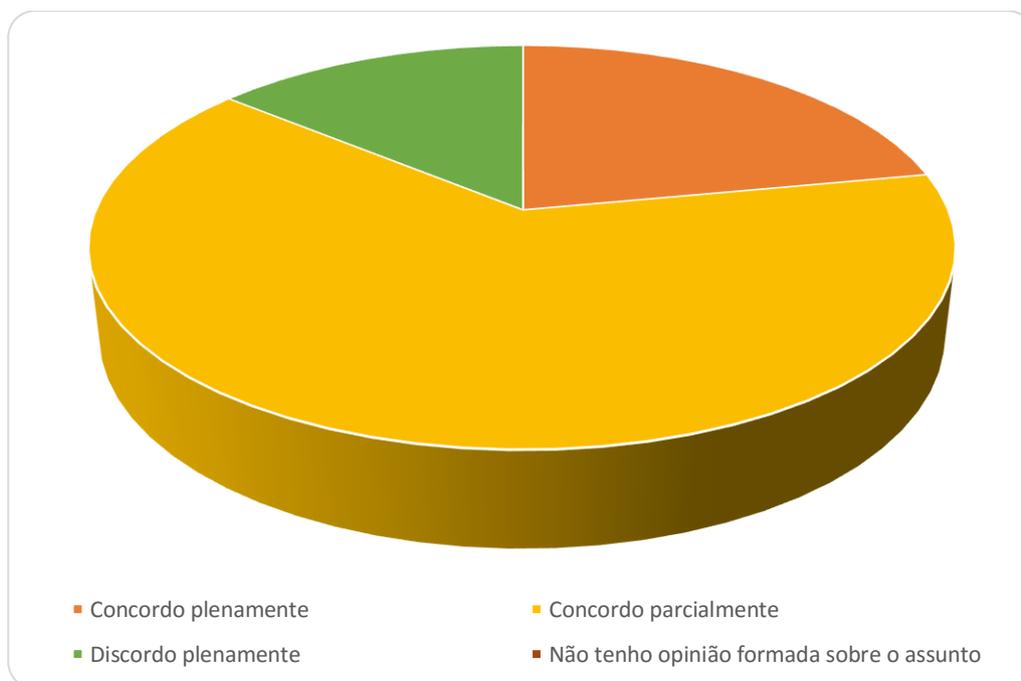


Gráfico4: Função Pedagógica dos Contos de Fadas.

Fonte: A autora, 2018.

A leitura do gráfico mostra que 64% dos entrevistados avaliam que os contos de fadas, não é o único gênero literário a trabalhar os anseios infantis.

Quanto às versões trabalhadas por estes professores em sala de aula, é possível grifar que 67% responderam que concordam parcialmente com a afirmação de Lanz (2000 p.102), que “só os autênticos contos populares têm essa função”, enquanto 14% demonstram discordar plenamente do autor, salientando que, não percebem nas versões clássicas dos contos uma literatura com estrutura inigualável. Estes dados são apontados no gráfico abaixo (Figura 5).

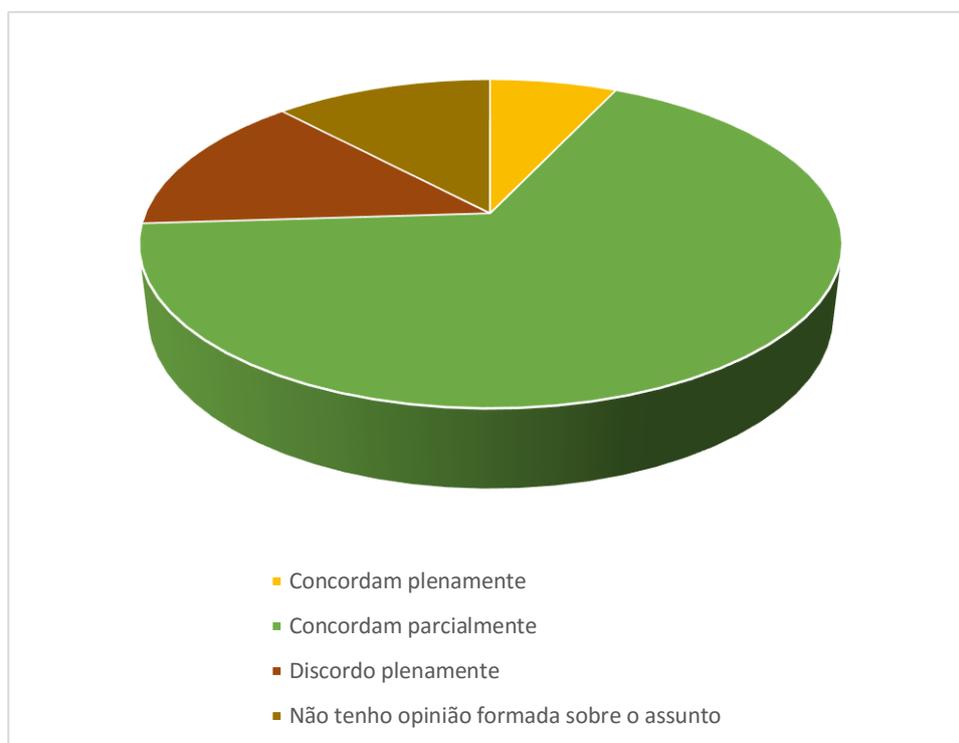


Gráfico5: Concordância com a Afirmação de Lanz (2000 p. 102).

Fonte: A autora, 2018.

Para Makarenko (1981) os elementos mágicos que representam o mal, por exemplo, podem causar sustos e temores nas crianças, situação que para o autor é desnecessária na primeira infância, corroboram desta ideia 14% dos entrevistados, que assinalaram discordar plenamente de Rudolf Lanz.

Abramovich (1997) considera que os contos falam de sentimentos humanos como nenhuma outra obra literária, sendo responsáveis por trabalhar o medo, a carência, a angústia, o amor, sentimentos da natureza humana, que estão presentes

no cotidiano das crianças, por isto, a necessidade de explorar todos os elementos presentes na história, concordando com Lanz(2000).

No âmbito escolar é preciso que o educador reconheça nos contos de fadas uma ferramenta para auxiliar seu trabalho e possibilitar este encontro fantástico do aluno com o mundo da fantasia.

Na esfera da Educação Infantil, os professores costumam colocar em suas rotinas, as atividades permanentes, onde em sua maioria, aparecem cuidados e higienização, acolhida, arrumação da sala.

Quando questionados acerca de como os contos de fadas eram inseridos em seus planejamentos semanais, considerando que atividades permanentes, consistem naquelas que ocorrem diariamente, conforme dados levantados na Figura 7, é possível identificar a postura dos entrevistados.

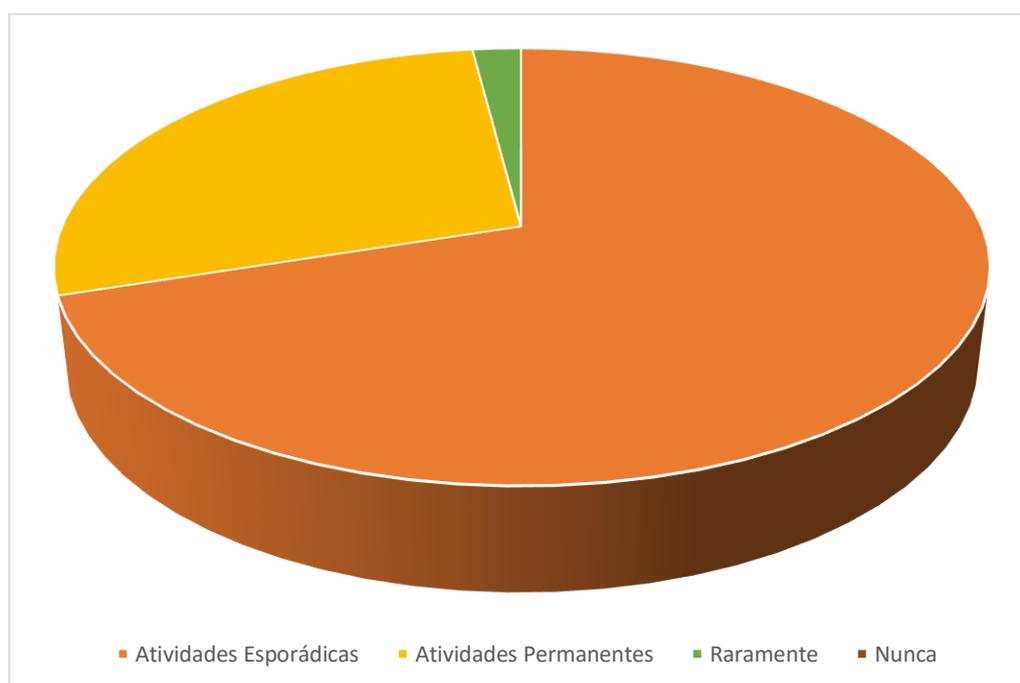


Gráfico6: Inserção dos Contos de Fadas em seus Planejamentos Semanais.

Fonte: A autora, 2018.

As respostas pelos professores do litoral paulista acerca da reação das crianças na hora dos contos foram divididas nas categorias destacadas na Tabela 1.

Convém destacar (conforme Apêndice), que por se tratar de uma pergunta aberta, os entrevistados tiveram a liberdade de evidenciar mais de uma característica marcante de sua turma.

Tabela 1: Características marcantes das turmas.

Categorias	Frequências de Respostas
Alegria (prazer, gosto)	12
Interesse, entusiasmo, curiosidade.	8
Questionam, incorporam papéis, reproduzem, solicitam leitura.	5
Encantamento e magia.	2
Ansiosas.	2
Recebem melhores outros gêneros.	1
Acham relaxantes.	1
Divagou sobre a resposta.	1

Fonte: A autora, 2018

Yunes e Pondé (1989) consideram que a literatura infantil configura a identidade de uma determinada região e pode colaborar no trabalho pedagógico, trazendo à tona as características de um determinado povo ou uma determinada época, valores éticos e morais, atitudes que foram destacadas por 05 professores. (Tabela 3).

Tabela 2: Valores Éticos/Morais.

Categorias	Frequências de Respostas
Ajudam no imaginário/ fantasia/ simbólico	9
Colaboram no desenvolvimento e na formação	7
Lúdico, prazer e curiosidade	6
Identificação com os contos	5
Ajudam no desenvolvimento do comportamento linguístico	4
Ajudam no comportamento leitor	4
Colaboração ao projeto didático pedagógico	3
Trabalham com outros gêneros	3
Auto-estima	1

Fonte: A autora, 2018

Além das contribuições psicanalíticas dos contos de fadas mediante leitura de histórias, o educador pode proporcionar o gosto pela escuta e instigar o educando a ser um bom leitor.

Bettelheim(2007) analisa que a estrutura simples e despretensiosa apresentada nos contos de fadas contribui para o fácil entendimento entre as crianças mais novas, sendo um excelente recurso didático (como destacaram 05 professores) e auxiliam também na criação de expectativas esperançosas sobre o futuro.

Permitindo que as crianças possam desvincular-se de sentimentos de inferioridade, como salientou um entrevistado que aponta como característica dos contos a promoção da autoestima infantil.

Foi solicitado aos participantes que respondessem quais contos de fadas eles mais utilizavam em sala de aula. Para ilustrar as incidências de respostas criou-se a Figura 7.

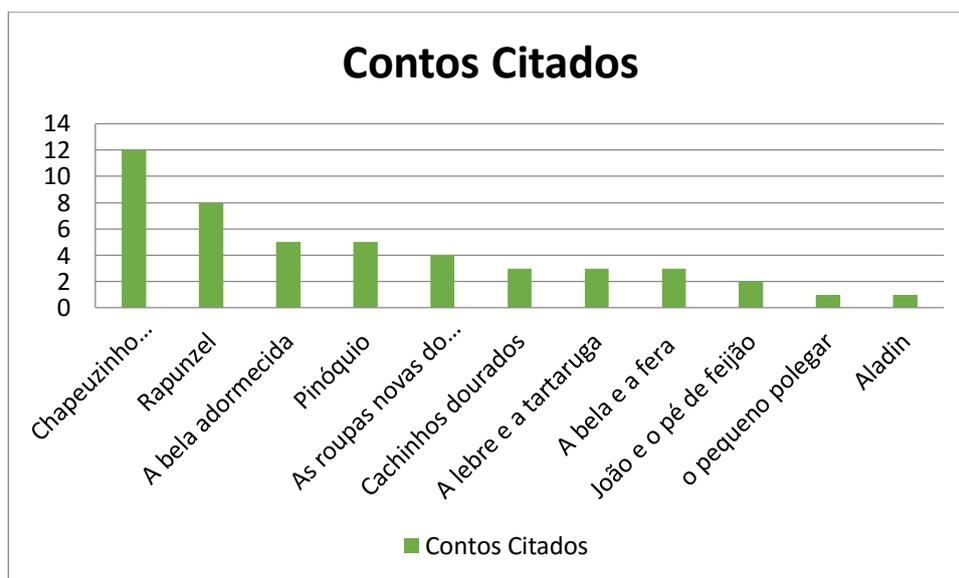


Gráfico7: Contos citados pelos entrevistados.

Fonte: A autora, 2018.

De acordo com a frequência de respostas obtidas o maior número compreende a 11 educadoras que citaram Chapeuzinho Vermelho como um dos contos mais usados em sala de aula.

Este questionamento possibilita compreender que o educador deve estar avaliando constantemente os contos mais apropriados para o seu grupo de trabalho. É necessário sentir a aceitação de cada criança durante o desenrolar da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Bettelheim (2007) cada criança reagirá de acordo com os seus anseios e conflitos internos. Para conseguir avaliar o interesse pela história, o professor (contador de histórias) deverá observar atentamente o comportamento de cada uma no desenvolvimento da trama.

Coelho (1990) considera que os contos de fadas são literaturas mais atrativas às crianças com faixa etária de 3-6 anos, fase que designou como “fase mágica”, entretanto o interesse da criança também é consequência das versões e metodologia escolhidas para serem aplicadas na hora do contar histórias.

A autora grifa que a literatura infantil é um elemento capaz de desencadear inúmeras atividades criativas, que são destacadas entre os entrevistados que compreendem a função do imaginário, do simbólico, da fantasia, para aguçar a criatividade infantil.

Quando não podia mais ser negado que a criança é perturbada por conflitos profundos, angustias e desejos violentos, e irremediavelmente sacudida por todos os tipos de processos irracionais, conclui-se que, pelo fato de já temer tantas coisas, qualquer outra coisa que parecesse assustadora deveria ser mantida longe dela. Uma história específica pode efetivamente tornar certas crianças angustiadas, mas uma vez que estejam mais familiarizadas com as histórias de fadas, os aspectos temíveis parecem desaparecer, enquanto que os traços tranquilizadores se tornam cada vez mais dominante”. (BETTELHEIM, 2007, p.175).

Entretanto, para que sejam acarretados aspectos positivos, é importante que ocorram intervenções do educador (contador de histórias) com coerência aos elementos dos contos e a aceitação das crianças em determinados momentos da trama, assim como, a entonação de voz, a continuidade ou a pausa da história.

A partir dos estudos e levantamento de dados da presente pesquisa foi possível constatar que a infância na contemporaneidade é alvo de uma sequência de estímulos, seu universo está rodeado de informações, e os modelos educativos se enquadram neste ambiente de acesso veloz e deliberado de conteúdos espúrios.

Ao mesmo tempo, que no Brasil, a Educação Infantil tem ganhado um espaço importantíssimo nas academias, na legislação, no desenvolvimento de novas técnicas e metodologias.

É possível também grifar que as instituições escolares têm dado menos importância para a elaboração do conhecimento, em detrimento da reprodução dos conteúdos tidos como obrigatórios na formação profissional do indivíduo.

Schopenhauer (2005, p.39) afirmou que: “uma grande quantidade de conhecimentos, quando não foi elaborada por um pensamento próprio, tem menos valor que uma quantidade bem mais limitada, que, no entanto, foi devidamente assimilada”.

Acreditar que o excesso de informação é certificar-se que o conhecimento foi adquirido é possível perceber um perigo bastante representativo, inclusive nos cursos de formação de professores, que ajudam a formar um perfil profissional e conseqüentemente a postura do educador em sua prática educativa.

Decorar, copiar, fazer uso de ambientes puramente virtuais, tornam-se mais interessantes que a pesquisa, a curiosidade, o pensamento, o desenvolvimento das ideias, “(...) a informação é um mero meio de instrução, tem pouco ou nenhum valor por si mesma”. (SCHOPENHAUER, 2005, p.20)

Sendo assim, possível destacar que se a leitura estiver desarticulada com o ensino infantil, ou seja, não fizer parte das propostas das aulas da maioria dos professores, ou for considerada de menos importância, podemos seguir por um caminho de futuros profissionais, ansiosos, sobrecarregados, que não sabem viver um momento de lazer, e com o processo criativo comprometido.

Portanto, o passatempo de ouvir uma história torna-se muito mais valioso que usar os *games* como única fonte de entretenimento. A contação de história é um ato de socialização, pode contribuir com o início de uma roda de conversa, de um diálogo, permitindo ampliar seus contatos e conexões.

A reflexão contínua do educador acerca de sua prática pedagógica faz com que, ele desenvolva uma criticidade importante na escolha dos recursos que serão adotados e nos objetivos que pretende alcançar com seus alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALENCAR, M. **Histórias sem fim**. In: Gagliardi, Márcia (org.) **Contos de fadas: apostilas para fins didáticos**. Botucatu, SP, 2017.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 21. ed., 2007.

CAPELLINI, M.V.L. **Era uma vez...os contos de fadas e a alfabetização**. In: Antônio Júnior, Wagner (org.). **Faces das práticas inovadoras: da creche aos anos iniciais da alfabetização**. Bauru, SP: Canal 6, 2008.

CHAVES, A.J.F. Prefácio In: Antônio Júnior, Wagner (org.). **Faces das práticas inovadoras: da creche aos anos iniciais da alfabetização**. Bauru, SP: Canal 6, 2008.

CHELOA, M.L.B.V. **Quem conta um conto**. In: Carvalho, M.A.F.; MENDONÇA (org) **Práticas de leitura e escrita**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf Acesso em: 15/05/2018.

COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 3.ed., 1990.

COELHO, N.N. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Editora Ática, 31.ed., 2005.

JACINTO, S.; CEIA C. **E-Dicionário dos Termos Literários**. 2018. Disponível em: <http://www.edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/conto-de-fadas> Acesso em 06/04/2018.

LANZ, R. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano.** São Paulo: Antroposófica, 7.ed., 2000.

MACHADO, R. **Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MAKARENKO, A.S. **Conferências sobre Educação Infantil.** São Paulo: Moraes, 1981.

MENDES, B.T.M. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault.** Ed. Unesp, São Paulo, SP, 2000.

MILANEZ, C. **Quem tem medo do lobo mal?** In: Gagliardi, Márcia (org) *Contos de fadas: apostila para fins didáticos.* Botucatu, SP, 2003.

PONDÉ, G. YUNES, E. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil.** São Paulo: FTD, 1989.

POOLI, J.P. **Quando “um outro ser” se torna “muitos outros”:** da família à escola, a complexa descoberta do mundo social. In: ROMAN, E.D., EDITE, V.(org) *A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato multifacetado.* Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

RAMPAZZO, L. **METODOLOGIA CIENTÍFICA.** Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo, Edições Loyola, 3.ed., 2005.

SÃO SEBASTIÃO. (19 de dez de 2012). *Decreto 5496/12 de 19 de dezembro de 2012.* Acesso em 20 de 05 de 2018, disponível em Regulamenta os critérios de Pontuação e Concurso de: Remoção, Atribuição de Classes e ou Aulas dos integrantes da Rede Municipal de Ensino de São Sebastião: <http://www.saosebastiao.sp.gov.br/sistemas/oficialdocs/arquivos/04125496.pdf>

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teoria da educação, curvatura da vara, onze teses da educação política.** 36 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever.** Tradução Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Questionário Aplicado

Pesquisa para a Monografia da Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – EaD UTFPR, por meio de um questionário, objetivando é conhecer a concepção que os professores de Educação Infantil têm acerca da importância do trabalho pedagógico com os contos de fadas com crianças de 4-5 anos e como é feito o uso deste recurso no cotidiano escolar.

Local da Entrevista: São Sebastião/ SP. Data: 04/05/2018

Parte 1 – Perfil do Entrevistado

- Superior Completo em Pedagogia com habilidades para Educação Infantil
- Licenciado com Complementação
- Magistério com habilitação em Educação Infantil.

Quanto a formação continuada em Educação Infantil

- Participa de Congressos.
- Informa-se por periódicos, revistas ou artigos científicos.
- Possui especialização na área.
- Possui cursos de Extensão na área.

Parte 2 – Questões

À luz dos pensamentos de autores que evidenciaram aspectos do trabalho permanente com os contos de fadas na educação infantil, responda:

1) Conforme Bettelheim (2007, p.20): "Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança". A partir do pensamento de Bettelheim acerca da contribuição dos contos de fadas o desenvolvimento emocional da criança, responda:

- Concordo plenamente;
- Concordo parcialmente;
- Discordo plenamente;
- Não tenho opinião formada sobre este assunto.

2) Das funções pedagógicas dos contos de fadas para a educação infantil,

Bettelheim (2007) considera que, nenhum tipo de literatura é tão satisfatório como os contos de fadas, por ensinarem sobre os problemas internos dos seres humanos, atuando em seu inconsciente e contribuindo para superação destes conflitos. Partindo desta premissa, é possível compreender, que o uso dos contos de fadas na Educação Infantil, tem uma função pedagógica diferenciada dos demais gêneros literários.

De acordo com a afirmação destacada acima, você:

- Concorda plenamente;
- Concorda parcialmente;
- Discorda plenamente;
- Não tem opinião formada sobre este assunto.

3) Para que as funções pedagógicas dos contos de fadas sejam consideradas de grande valia para a educação infantil, Lanz (1979, p.102) assinala que: "só os autênticos contos populares têm essa função". De acordo com o autor, somente as versões clássicas alcançam os objetivos pedagógicos. Sobre essa afirmação, você:

- Concorda plenamente;
- Concorda parcialmente;
- Discorda plenamente;
- Não tem opinião formada sobre este assunto.

4) O uso dos contos de fadas em sua sala de aula é feito em:

- Atividades Permanentes .
- Atividades Esporádicas.
- Raramente.
- Nunca.

5) E, nestas ocasiões, quais são as histórias mais lidas (contadas) aos educandos?

6) Você considera importante o trabalho pedagógico com o uso dos contos de

fadas? Justifique.

7) Como as crianças recebem os contos de fadas, quando contados em sala de aula?
